

COMÉRCIO EXTERIOR

Mercado avalia rumo da balança

Petróleo, cotação de dólar e preço de frete podem afetar resultado de exportação

Vagner Ricardo

vagnerricardo@gazetamercantil.com.br

O dólar, os fretes marítimo e aéreo e o barril de petróleo são três variáveis que poderão alterar a rota de expansão indicada este ano pelas exportações fluminenses, dependendo do comportamento nos próximos meses. O mercado ainda não sabe avaliar a tendência futura de cada componente (de alta ou de baixa), mas reconhece que, isoladamente, as variáveis têm relativo poder de desestabilização. O dólar em alta, concordam os especialistas, é bem-vindo no sentido de ampliar a competitividade dos produtos fluminenses. Mas

o eventual encarecimento do frete marítimo e do barril de petróleo pode anular a vantagem competitiva via câmbio. No cenário ideal, o dólar deveria subir ainda mais (projeta-se uma cotação de R\$ 2,80 até o fim do ano ou mais de R\$ 3 a curto prazo, caso ocorra um conflito bélico no Oriente), ao passo que petróleo e frete deveriam permanecer estáveis, o que é pouco provável para especialistas.

Fora o tom de retração mundial, o comportamento do barril de petróleo é o fator de maior risco para reduzir a reação do comércio exterior, em virtude dos efeitos indiretos de pressão de custos, lembra o diretor da Associação de Comércio do Brasil (AEB), José Augusto de Castro. Isso porque a inflação decorrente de uma

Nos últimos dias, os preços dos fretes marítimos, em média, pularam de R\$ 2,50 para R\$ 2,80, pressionando os custos dos importadores

alta do petróleo pode, internamente, encarecer os produtos, fazendo-os perder parte da competitividade decorrente da taxa de câmbio favorável. "Se o barril tiver alta expressiva, a ponto de inflacionar os custos, não há dúvidas de que haverá perda de competitividade", destaca Castro.

Em contrapartida, no caso do Rio de Janeiro, uma eventual valorização do barril do petróleo será benéfica, se houver interesse em ampliar a produção local de petróleo. A princípio, o déficit da balança comercial fluminense (em US\$ 1,5 bilhão até julho) crescerá, por ser o Rio o estado concentrador das importações. Mas o exce-

dente maior de petróleo e derivados, via aumento de produção, provocará reação mais aguda das exportações desses produtos, raciocina Castro.

Alta do frete

Nos últimos dias, segundo a Câmara de Comércio e Indústria do Estado do Rio de Janeiro (CCIRJ), os preços dos fretes marítimos, em média, pularam de R\$ 2,50 para R\$ 2,80, pressionando os custos dos importadores ou das empresas exportadoras, dependendo da modalidade de venda (FOB ou CIF). Mas a perspectiva de encarecimento dos custos operacionais não deve afetar duramente a base exportadora do Rio, porque o grosso de suas vendas externas são justamente os derivados de petróleo, destaca o diretor de

marketing da CCIRJ, Mario Scangarelli.

O vice-presidente do Sindicato Nacional das Empresas de Navegação Marítima (Syndarma), Cláudio Decour, não confirma a alta dos fretes, mas assinala que o setor está na iminência de ter os custos operacionais agravados pelo encarecimento, primeiro, do seguro e, mais adiante, dos preços do petróleo (até agora em queda). Mas alega que a pressão de custos das empresas marítimas nacionais não será repassada na íntegra, porque o controle dos preços está a cargo do mercado internacional. De qualquer forma, a perspectiva de retração mundial, para ele, puxará as cotações dos fretes para baixo a médio prazo para carga geral e granel, com risco até de tarifas predatórias.

Real em baixa favorece

Entre os exportadores, o tom é de moderado otimismo. Para o diretor de marketing da ELC Produtos de Segurança, José Maria Ruiz de Gamboa, um eventual encarecimento do frete não neutralizará os ganhos do câmbio. No seu caso, o quadro sombrio da conjuntura internacional é até benéfico para a venda de seus produtos (envelopes, selos e malotes de segurança), por conta do medo e prevenção de empresas e pessoas.

Na exportação de café, o novo ciclo de desvalorização da moeda, desta vez pela ameaça de guerra, é benéfico em termos de maior rentabilidade para as empresas e de certa forma neutraliza a queda de cotação no mercado externo.

O presidente do Centro do Comércio do Café do Rio de Janeiro (CCRJ), Guilherme Braga, explica que os elevados estoques em mãos dos consumidores fizeram os preços cair. (V. R.)